

Arminda C. Figueira de Sousa

Era natural da freguesia de Câmara de Lobos, onde nasceu a 17 de Março de 1888, tendo falecido no Funchal, vítima de tuberculose, a 17 de Maio de 1931.

Era filha de Miguel Figueira de Sousa e de D. Matilde^a Oliveira de Sousa e sobrinha do poeta e charadista Simão Figueira de Sousa (Pício).

Possuía o curso do Liceu e foi professora no Colégio Alexandre Herculano. Dotada de invulgar inteligência, possuía também uma grande cultura literária, tendo composto belas poesias, destruindo-as porém, por excessiva modéstia, pouco tempo antes de ter falecido, o que fez que pouca da sua produção poética chegasse até aos dias de hoje.

Colaborou no Almanaque de Lembranças Madeirenses e no Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Publicou também algumas poesias no Diário de Notícias e no Almanaque da Madeira.

Num cartão de Boas Festas

*(Aos meus queridos alunos Manuela e Pedro
Para H. de Freitas)*

Eis a Festa do Natal
Do Jesus das criancinhas,
Que disse sorrindo ao vê-las:
— «Vinde a mim, sois todas minhas,
Haveis de formar meus céus,
Sois obra do próprio Deus!»

E, p'ra guardar tais tesouros,
Pôs no peito maternal,
Um amor tão puro e santo,
Um afecto sem igual.
Crianças a vossa Mãe,
Amai-A, amai-A bem!

Se sois pedaços de Céu,
Que Jesus guarda na terra,
E' de Deus o santo amor
Que um seio de Mãe encerra.
Meigos, submissos e bons...
Conservai n'alma esses dons.

Sois vois sorrisos divinos,
Para vossa Mãe tão Querida,
E, Ela o astro fulgente,
Que ilumina a vossa vida.
Quem nos filhos vê os céus,
Não pode descrever que há Deus!

Nesta festa que é tão vossa,
Do Jesus das criancinhas,
Aceitai, vos peço agora,
As sinceras preces minhas:
Boas Festas rogo a Deus,
Para vós, alunos meus.

Momentos de ilusão

(Longo da minha família).

Pensando, estando acordada,
Ou sonhando adormecida,
Sou em ilusão transportada
À minha terra tão querida!...

Vejo um céu azul, tão lindo!
Vejo montanhas e flores:
— Vejo a natura sorrindo
Nesta ilha dos amores...

Vejo os meus... Oiço-os falar!...
Aperto-os ao coração!...

.....
Mas depois fico a chorar,
Ao conhecer a ilusão!...

Súplica

(No leito dum hospital).

Voam as sombras que envolvem a noite
E vem o dia com sua luz imensa?
Só a minha alma continua sempre
Tão mergulhada numa dor intensa!...

Dos meus tão longe!... que saudade atroz!...
Com ansiedade os desejo ver!...
Mas a incerteza a segredar-me sempre:
«Vais melhorar»... vais aqui peracet!...

Meu Deus, vos peço: me conserves inda
Essa ilusão que minha dor acalma:
Para que mesmo a distância enorme
Os veja sempre com os olhos d'alma!

Que afectos puros, desses entes queridos,
Pelos quais sômente, eu viver desejo!...
Permite ao menos que inda possa vê-los
E depois morrer. Nada mais almejo!

Fontes:

Marino, Luis. *Musa Insular.*, pg. 337